

## ***Eixo Temático - 02 - A Produção de pesquisas sobre Infâncias, Gênero e Sexualidade na Educação***

Michele Leguiça <sup>1</sup>

A partir dos Estudos de Gênero e pelos Estudos Culturais, na perspectiva pós-estruturalista de análise, me dediquei a compreender de que forma os scripts de gênero são construídos e alimentados na infância, especialmente no que se refere ao controle dos corpos de meninos na Educação Infantil. Metodologicamente a pesquisa foi sustentada pelos preceitos da observação participante e inspiração etnográfica. Foi possível identificar que os corpos masculinos são controlados sob uma lógica sexista, misógina, racista e classista, na qual produz desigualdades.

Scripts de Gênero; Controle dos corpos; Masculinidades; Educação Infantil.

Partindo do pressuposto foucaultiano de que “fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais” (Foucault, 2006, p. 180), assim que me deparei com o discurso acerca do que é ser “guri” naquele lugar, logo me propus a problematizar acerca de todas as características que vão sendo inseridas nos *discursos* que regem a conduta de um “guri” de Uruguaiana.

---

<sup>1</sup> Educadora Especial pela Universidade Federal de Santa Maria, Pedagoga pela Unintter, Especialista em História e cultura afro-brasileira e indígena pela UNIPAMPA-Campus Uruguaiana, Mestre e Doutoranda em Educação pela UFRGS. e-mail: micheleleguica@hotmail.com

Enfatizo este município com o intuito de colocar sob suspeita todas as “verdades” que regem a construção da masculinidade de um sujeito de Uruguaiana. Afinal, tal terra é marcada por um tradicionalismo gaúcho que inscreve pedagogias que subjetivam seus moradores. De uma forma geral, conforme Henriques e Lisboa Filho (2017), os vários movimentos de conflitos que marcaram a história do Rio Grande do Sul, foram sustentando a construção de uma sociedade patriarcal, militarizada, latifundiária e pecuarista. Neste contexto, características de força, coragem e destreza representam um ideal de sujeito masculino desde a mais tenra idade.

Frente a tudo isso, este trabalho aborda o recorte de uma pesquisa de Mestrado em Educação que se propôs a analisar a regulação dos corpos infantis na escola.

Para traçar uma metodologia de pesquisa, optei por uma abordagem de inspiração etnográfica, tendo a observação participante como estratégia para a produção de dados. (CORSARO, 2009; MÜLLER; CARVALHO, 2009).

Dessa forma, realizei as observações ao longo de seis meses, em uma turma de Educação Infantil, com crianças de 4 e 5 anos de idade. A escola na qual a pesquisa foi realizada localiza-se em uma região periférica do município de Uruguaiana.

Por questões éticas as crianças escolheram nomes fictícios, mantendo assim o sigilo das suas identidades.

As observações foram registradas em um caderno de anotações .

Louro (1987), ao pesquisar sobre a educação das mulheres no Rio Grande do Sul, sustenta-se nos conceitos históricos e nos Estudos de Gênero para definir a prenda como uma idealização de mulher gaúcha pautada na norma da submissão. Em contrapartida, a autora também enfatiza o movimento de resistência, por meio do conceito da antiprenda, ou seja, um *c i* de mulher que trabalha e busca seu espaço de atuação na sociedade.

Assim, sendo uma região de fronteira, Uruguaiana aciona uma representação de tradicionalismo que exalta a figura masculina e posiciona a feminina em um regime de submissão. Tais perspectivas vão ao encontro de Pacheco (2003), ao ressaltar que o

tradicionalismo ensina masculinidades (e poderia também considerar o ensino de feminilidades) por meio do que ele chama de pedagogia do tradicionalismo.

Tal conceito me remete aos Estudos Culturais, que por meio da análise cultural (WORTMANN, 2002, p. 79), nos fazem considerar a cultura “como uma pedagogia e a pedagogia é vista como uma forma cultural”. Assim, “o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural”. Portanto, é válido considerar que a cultura e a sociedade do município de Uruguaiana produzem uma pedagogia tradicionalista, buscando deter o poder de representação do “verdadeiro” caráter a ser impresso nos corpos e na subjetividade dos guris.

Dessa forma, a figura do guarda representa a adulez tradicionalista, portadora de uma responsabilidade de detenção de um “saber-poder” do tradicionalismo gaúcho. Este, por sua vez, visa definir a “verdadeira natureza” do gaúcho, e que deve ser aprendida pelo “guri” de Uruguaiana. Além disso, percebi o quanto as datas comemorativas, em especial o 20 de setembro, produzem pedagogias. Afinal, a escola toda se mobilizou o mês inteiro para exaltar este recorte cultural.

Dessa forma, consigo observar que a concepção de tradição e cultura gaúchas no âmbito uruguaianense, pode ser encarada como uma relação de poder pastoral. Ou seja, a pedagogia tradicionalista é regida por esta forma de poder que visa orientar os meninos e meninas para o caminho da tradição.

Assim, as pedagogias tradicionalistas (PACHECO, 2003) produzem determinados *ci* de gênero (FELIPE, 2019). Dessa forma, os meninos são incentivados desde a mais tenra idade a cumprirem “roteiro” que envolve a tarefa de conquistar a(s) menina(s), bem como serem persuasivos para com o pai desta (por sua vez, colocado no *ci* de sujeito protetor do sexo feminino). Já as meninas, são colocadas no “roteiro” da cultura do embelezamento, como figuras dóceis, que necessitam da proteção masculina por conta de sua pretensa fragilidade.

E d a cha , Ped c e a e f i a aci a c e i ai , e e 3 a .  
Te a d e e de e ac ece c e e, c e a:

- E f i e ch ei a d ei a aci a. Me i e e a ch !

O c ega c e a :

- Ma e ch ei!

Ped di :

- Ma e ei e ac ece c ig ! J ei a aci a a e e i ha ch ad , a de a e e  
ch ei, fi ei c ed .

(Caderno de anotações: 20/08/2018)

A situação observada acima demonstra uma regulação sutil, porém, repleta de concepções machistas de que homens não devem chorar ou expressar seus sentimentos, o que se constitui em uma violência, considerando a idade da criança. Afinal, por que o menino precisa controlar os seus sentimentos de medo e angústia, sendo obrigado a controlar o choro, dentro de uma lógica de contenção do corpo, pelo simples fato de ser “homem” (embora ainda seja apenas um menino)?

Considerações importantes trazidas por Alexandre Bello (2006), Donald Sabo (2002) e Pedro Oliveira (1998) mostram que os meninos são inseridos em redes de controle e regulação, para que desde muito cedo assumam uma postura próxima da masculinidade considerada predominante. Dessa forma, os meninos precisam exaltar constantemente características como agilidade, força e coragem. Além disso, necessitam demonstrar aversão a tudo o que se aproxime da feminilidade (misoginia) ou de quaisquer comportamentos que julguem ser próprios da homossexualidade.

Para a antropóloga Raewyn Connell(1995), a masculinidade é um “projeto” – um processo individual e coletivo que está em constante transformação, atingindo e sendo atingido por vários discursos, instituições e práticas. Para complementar ainda mais a discussão, Connell e Messerschmidt (2013), trazem a problematização acerca da masculinidade hegemônica, ou seja, a autora e o autor reconhecem que há a existência de várias masculinidades que variam pela cultura e pelo tempo. Entretanto, há práticas

que legitimam determinados *scripts* de masculinidade, procurando colocar em xeque os demais.

Também foi possível perceber que as crianças são atravessadas por determinados discursos de regulação. Consegui notar o exercício de dois mecanismos de poder: o da vigilância hierárquica (pautada nesta observação constante) e a sanção normatizadora (que através dos elementos da vigilância, busca efeitos de normatização dos indivíduos). Assim, Pedro vigia sua ação de chorar, comparando-a com o comportamento do irmão e dos colegas e em seguida, ele se questiona do porquê o choro ocorreu com ele.

Além disso, expressar medo se torna algo bastante desprezado na constituição da masculinidade.

Portanto, ao longo deste percurso investigativo, destacar a escola como instituição generificada, que regula os corpos e (re)produz *scripts* de gênero, mostra a importância de investirmos na formação docente para que essas temáticas possam ser discutidas e aprofundadas. Afinal as escolas reforçam uma lógica sexista que dimensiona e constitui práticas pedagógicas que segregam meninos e meninas procurando garantir a relação tríade apontada por Butler (2012) de sexo-gênero-sexualidade. Além disso, diferentes manifestações de poder emergem no dia-a-dia da escola de Educação Infantil, constituindo sujeitos produtivos e submissos desde a mais tenra idade. Dessa forma, as práticas pedagógicas são dotadas de disciplinas que fabricam os corpos infantis objetivando-os e subjetivando-os. No caso dos sujeitos masculinos essa regulação é bastante intensa para que eles correspondam aos *scripts* de masculinidades pautados na insensibilidade, na virilidade e na força.

BELLO, Alexandre Toaldo. homens por vir? 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BUTLER, Judith. feminismo e subversão da identidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COONELL, R. W. Knowledge, power and social change. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press.1995.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, J. W. repensando o conceito. In: Estudos feministas. v. 21, 2013, p. 241-282.

CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.;CARVALHO, A. M. A. São Paulo: Cortez, 2009.p. 31-50.

FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: FELIPE, Jane; ALBUQUERQUE, Simone Santos de; CORSO, Luciana Velhinho (org.). Porto Alegre: Evangraf, 2019. p. 238-250.

FOUCAULT, Michel. Est-ildonc important de penser?. In: FOUCAULT, Michel. (1980-1988). Paris: Gallimard, 2006. p. 178-182.

HENRIQUES, Mariana Nogueira; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. Mulheres nos Especiais Bah!: identidade gaúcha e representação feminina. , Porto Alegre, n. 39, p. 80-102, maio/ago. 2017

PACHECO, Luis Orestes. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, Mirian. SILVESTREIN, Celsi Brönstup. (org.) Curitiba: UFPR, 2002, p. 33-46.

WORTMANN, Maria Lucia. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, M. V. (Org.). outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2002. p. 71-90.